

UMA MEMÓRIA PARA TOCAR E OUVIR: MEDIAÇÃO E ACESSIBILIDADE NO MEMORIAL DO ANGLO

A MEMORY TO TOUCH AND LISTEN: MEDIATION AND ACCESSIBILITY AT THE ANGLO MEMORIAL

MICHELON, Francisca Ferreira¹

SALASAR, Desirée Nobre²

RESUMO

O Memorial do Anglo da Universidade Federal de Pelotas é um dos resultados do Programa de Extensão “O Museu do Conhecimento para todos: inclusão cultural para pessoas com deficiência” e desde sua abertura está sendo avaliado pelo público alvo: pessoas com deficiência visual. Neste texto, apresentam-se algumas considerações sobre o resultado da combinação dos recursos assistivos com a mediação, buscando avaliar como esta, que também consiste em um recurso assistivo, constitui a circunstância inclusiva do espaço. Explica-se o processo de eleição dos recursos, sua elaboração e feitura. Analisa-se como foi equacionado este conjunto de recursos de modo que qualquer pessoa tivesse entendimento do local em que o Memorial se encontra e da informação que disponibiliza. Discute-se se os resultados atendem o objetivo de proporcionar ao visitante, seja vidente ou pessoa com deficiência visual, o acesso ao patrimônio que significa a memória do frigorífico extinto.

Palavras-chave: Acessibilidade cultural. Deficiência visual. Memorial. Mediação. Inclusão.

ABSTRACT

The Anglo Memorial at the Federal University of Pelotas is a result of the Outreach Program “The Museum of Knowledge for all: cultural inclusion for people with disabilities” and since its opening it has been evaluated by the target audience: people with visual impairment. In this paper, some considerations about the result of the combination of assistive resources and mediation are presented, aiming to evaluate how mediation, which is also an assistive resource, becomes the inclusive event in that venue. The process of resources selection, their preparation and manufacture is explained. The paper also analyzes how this set of resources was conceived so that any person could understand the Memorial location and find the information it provides. It discusses whether the results meet the goal of providing the visitors, both the ones who can see and those visually impaired, with access to the heritage representing the memory of the former slaughterhouse.

Keywords: Cultural accessibility. Visual impairment. Memorial. Mediation. Inclusion.

¹ Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Brasil. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: fmichelon.ufpel@gmail.com

² Aluna do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Brasil. E-mail: dedah.nobres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta os resultados de um trabalho de mediação acessível em um memorial integralmente montado para receber grupos de pessoas com deficiência visual. A proposição deste espaço acessível objetivou constituir um lugar de memória em um patrimônio industrial intensamente alterado e gerar uma circunstância na qual pessoas com deficiência visual pudessem ter acesso ao conteúdo da exposição que ocupa este lugar. Esta trata-se de uma exposição de fotografias e, assim, os recursos empregados congregam caminhos que viabilizam o acesso à informação contida na imagem através de outros sentidos que não o da visão. Portanto, o trabalho desenvolve-se a partir de dois eixos temáticos: patrimônio industrial e acessibilidade cultural. A premissa fundante deste trabalho é que patrimônio e memória são direitos humanos; salvaguarda-se o primeiro em prol do segundo e, sendo assim, ambos são direitos de todas as pessoas. Circunstancia-se, portanto, o conceito de patrimônio industrial e o de acessibilidade, e expressa-se, nas linhas seguintes, a justificativa para o trabalho referido.

1. 1. O LOCAL DO MEMORIAL DO ANGLO

Introduz-se o tema por meio de um histórico sobre o lugar. O Memorial situa-se no terceiro andar de um dos edifícios que foi, em passado recente, o Frigorífico Anglo de Pelotas. Nos prédios que restaram, e que em décadas anteriores funcionaram a sala do abate, as câmaras frias e frigoríficas, a produção de conservas e outros setores característicos de um grande frigorífico, há salas de aula, laboratórios, auditórios, seções administrativas e outros setores que compõem os serviços em um campus universitário. A mudança de uso – de uma fábrica para uma universidade – demandou que o espaço fosse integralmente adaptado. Os enormes salões, totalmente revestidos com azulejos brancos, eventualmente sem janelas, não serviam para as funções que as novas atividades exigiam.

Consequentemente, a adaptação infligiu modificações estruturais intensas no complexo industrial desativado, parcialmente adquirido pela Universidade Federal de Pelotas, no ano de 2010. O comprador da planta industrial foi a Fundação de Apoio Universitário *Símon Bolívar*, que doou grande parte do conjunto para a UFPel. O restante foi gerenciado por uma empresa que iria construir no local um shopping, mas não veio a fazê-lo. Houve um desacerto entre a empresa e a Fundação e as intervenções cessaram, bem como o projeto do shopping. Até que o acordo cessasse, alguns prédios foram demolidos.

No processo de adaptação dos edifícios destinados à UFPel, houve significativa perda das estruturas originais. A preexistência aproveitada foi, praticamente, só o contorno externo dos dois prédios maiores e mais sólidos, onde se encontravam a área do abate e das câmaras frigoríficas. Mesmo as substituições menos drásticas resultaram em uma descaracterização incisiva no local. Ao substituir-se um revestimento pelo outro, uma dimensão pela outra, uma iluminação pela outra, a aparência dos ambientes mudou significativamente.

Salões que receberam divisões para gerar salas menores e espaços sem luz natural que tiveram suas paredes externas abertas para ganhar janelas perderam, irreversivelmente, a referência de sua função original. De tal modo, a intervenção que estes prédios sofreram resultou na diluição dos vestígios da atividade fabril que se dava no local. Embora algumas construções da planta industrial tenham sucumbido ao projeto comercial, que acabou não se consumando, este complexo de dois prédios fundidos manteve-se, externamente, reconhecível. Mesmo com aberturas onde antes havia paredes cegas, a frieza das suas duras linhas retas ainda sustenta a austera imponência que era própria da construção, expressada nos volumes de uma estatura irreduzível.

À margem do Canal São Gonçalo, nos planos horizontes da paisagem onde se insere, o local ainda reclama sua memória. Não sem motivo. Ao lado do grande frigorífico do grupo inglês Vestey

Brothers, desde os primeiros anos de seu funcionamento, um bairro foi se formando, espontaneamente, sem planejamento outro que não a necessidade dos operários habitarem perto do local de trabalho (JANKE, 2011).

A quantidade de pessoas que esse grande frigorífico empregava era expressiva no contexto da cidade e da região. Homens, mulheres e jovens aprendizes compartilhavam intensos períodos de atividades que sobreviviam ao longo das horas, diluindo a divisão entre os dias. A fábrica, que nunca parava, sucedia equipes de operários em jornadas de trabalho consecutivas e inesgotáveis. Impositiva, rítmica e ordenada, absorvia os seus trabalhadores, trocando sua força produtiva por um salário e por outras coisas também necessárias, como o convívio com um grupo, certa segurança social e um papel definido, ainda que anônimo e igual a tantos outros (MICHELON, 2013). Nesta vila moram antigos trabalhadores, filhos e netos de operários que participaram de momentos de grande produção e depois viram o gigante fabril fechar e silenciar, indiferente a suas vidas e a uma importante economia local que estagnava a partir daí.

Neste período entre o fechamento da fábrica, a sua venda para outra empresa, que nunca a reativou, e a aquisição do complexo pela Fundação Símon Bolívar (de apoio à UFPel), o lugar mantinha-se quase inalterado. O pouco uso que lhe foi dado não tocou em sua morfologia e tudo que havia restado ali se mantinha. Os moradores da vila, frequentadores da fábrica de outrora, reconheciam o lugar e nele lembravam do passado, mas o viviam, do modo possível, no presente.

Isto ocorreu até que a Universidade chegou. A partir de sua chegada, deu-se início a uma nova fase, que se marcou pela cisão entre este, que era um evidente lugar de memória, conforme o conceito advindo de Nora (1997), e aqueles que memoravam a vida pregressa da e na fábrica. Primeiro, a clivagem ocorreu na forma de uma demarcação de territórios, quando um muro foi erguido no limite entre o terreno da fábrica e o da vila. Depois, vieram as alterações e supressões, que, pela pressa, foram indiferentes ao contexto e à memória. Sinais importantes foram apagados da paisagem, de modo intempestivo. Milhares de pessoas passaram a ser os novos usuários deste espaço e os portões da fábrica, que antes se tinham fechado pela inatividade, agora estavam abertos com evidente seletividade para o ingresso.

Inicialmente, o local passou a ser designado como Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas. Consta tal designação nos meios oficiais. No entanto, as pessoas que o frequentam chamam-no apenas de Anglo.

1.2. A CONSTITUIÇÃO DO MEMORIAL

Com uma intervenção tão rápida e profunda, neste lugar de intensa história e trajetória, restaram poucos vestígios que pouco contribuem para que se entenda o local que ali havia. Assim, busca-se que este pouco signifique muito. O pouco ao qual se refere este texto é um pequeno espaço no terceiro andar do prédio onde antes se localizavam as câmaras frigoríficas e no qual parte de uma parede foi poupada. Parcialmente destruída, permite que se veja a composição de cinco camadas que conformava a técnica construtiva da área de refrigeração desta indústria. Trata-se de um recanto em um local de passagem que foi ocupado, inicialmente, com algumas fotografias feitas durante o período das obras de adaptação do prédio. Destituído de cenografia, informação e com iluminação ineficaz, o local não era visitado, por quem fosse. Era um lugar pobre em informação e, portanto,

vazio de sentidos, mas a ruína da parede solicitava que nele fosse feito algum investimento (Figura 1). Foi para tal lugar que se projetou o Memorial do Anglo, fundado no início de 2014 e avaliado pela Escola Louis Braille em maio do mesmo ano.

O Memorial foi organizado a partir de um programa de extensão intitulado O Museu do Conhecimento para Todos³. Este Programa consiste em um grupo de ações voltadas para a formação de equipes interdisciplinares de acadêmicos e não acadêmicos aptas a desenvolver e aplicar estratégias que habilitem museus a receber todos os públicos. O foco é a inclusão de pessoas com deficiência visual e, portanto, o núcleo do trabalho concentra-se em buscar recursos assistivos para este fim. Desde o início, o público imediato com o qual o Programa vem trabalhando é a comunidade atendida pela Escola Louis Braille, que, na cidade de Pelotas e região, atende a um público formado por pessoas cegas, deficientes visuais e com deficiências múltiplas, oriundas de 22 municípios do entorno deste município que é a sede da 3ª Coordenadoria Regional de Saúde do Estado.



Figura 1 – Vista do Memorial do Anglo, na qual se vê a ruína da parede da câmara frigorífica, protegida por uma parede de vidro. A ruína informa sobre a técnica construtiva dos frigoríficos na década de 1940. Fonte: Fotografia feita pelas autoras, 2014.

A participação da Escola Louis Braille foi acordada desde o ano de 2012 e consiste em uma parceria de trabalho na qual várias etapas já foram desenvolvidas. Em especial, a avaliação dos métodos e recursos, o treinamento de pessoal para recepção e condução de deficientes visuais e a confecção de material acessível foram feitos com a equipe da Escola.

³ Programa lotado no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas da UFPel. Apoiado no Edital ProExt MEC/SESu e desenvolvido no ano de 2012 e 2013. Continua em desenvolvimento e envolve alunos e professores de cinco cursos de Graduação e de dois Programas de Pós-Graduação, além de três laboratórios de pesquisa no qual atuam alunos de pós-graduação. É um programa que relaciona ações descritas nos Projetos Pedagógicos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauro, ambos da UFPel.

Sem esta parceria não teria sido possível desenvolver os testes com contraste de cor, ter avaliado o projeto do mobiliário, antes da sua confecção, e, ainda, ter preparado equipes para mediar a exposição.

Assim, o Memorial do Anglo passou a ser o piloto pelo qual se estão balizando alguns princípios que deverão ser aplicados em todos os museus da UFPel e nos memoriais das cinco plantas industriais de fábricas extintas, adquiridas pela Universidade ao longo de uma década. Em três destas plantas, houve intervenção drástica, que sobrepujou os vestígios memoriais pela urgência do uso. O caso destas fábricas recicladas elucidada a diluição daqueles valores de essência enunciados na carta de Nizhny Tagil, documento produzido na reunião do Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), em 2003, na Rússia.

Nessa carta, afirma-se que “O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico”. No entanto, entende-se que a ação preservacionista sobre o patrimônio industrial dá-se mesmo quando pouco sobrou porque, essencialmente, é ação voltada para as memórias sociais do trabalho industrial e sejam quais forem os vestígios restantes, a ação memorial é um esforço possível. Portanto, os suportes de memória são vetores que podem ser potencializados por meio de vários recursos. A musealização inclusiva, no caso do objeto deste estudo, é um destes recursos. Por fim, advoga-se que os ambientes inclusivos, promulgadores de consciência sobre a aceitação do “outro”, são meios para a construção de atitudes sociais favoráveis e pacíficas, circunstâncias cada vez mais almejadas e necessárias.

2. PROCEDIMENTOS

O Memorial do Anglo consiste em um projeto inclusivo. De tal modo, este conta com recursos de acessibilidade que cumprem diferentes funções: expositores acessíveis, maquetes e esquemas táteis, audiodescrição e legendas em braile, além da mediação acessível (Figura 2). A exposição do Memorial contém fotografias que apresentam o resultado de uma pesquisa sobre a trajetória do Frigorífico na cidade de Pelotas, situando-o no contexto da origem e do desenvolvimento destas poderosas indústrias da carne no cone sul da América Latina: Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. O lugar deste Memorial, como já foi dito, é um recanto no bloco onde havia as câmaras frigoríficas, hoje uma passagem entre salas de aula. Ao gerar um destaque para este lugar, logrou-se qualificá-lo. No entanto, o objetivo a ser cumprido era reunir, com competência informativa, recursos que pudessem informar a públicos videntes e deficientes visuais o conteúdo da pesquisa gerada sobre o frigorífico. E, deste modo, necessitou-se estudar um meio de tornar visível, sem a visão, as fotografias expostas.



Figura 2 – Vista de um expositor com base suporte para os esquemas táteis e legenda em braille. Fonte: Fotografia feita pelas autoras, 2014.

A fotografia é um suporte de informação essencialmente visual, com características próprias, que se impôs como documento, justamente por sua singularidade. Fazer tal informação encontrar ressonância em outros suportes é, portanto, um desafio que depende muito do fator humano. Este conceito não estava claro no início do trabalho. Entendia-se que o exemplo de outras exposições de fotografias que empregavam um ou dois recursos era o caminho para o cumprimento das metas⁴. No entanto, ao longo dos testes, percebeu-se que, mesmo somando os recursos, o deficiente visual não era contemplado com o conteúdo da informação que se havia destacado. Neste momento, ingressou-se a mediação como um recurso a ser usado na exposição. No geral, a mediação concorre nas exposições como um elemento auxiliar ou uma proposta pedagógica, inserida no contexto das ações educativas.

Assim, primeiramente, o projeto objetivou treinar alunos do Bacharelado em Museologia para proceder a esta mediação. No entanto, ainda que o treinamento fosse voltado para o uso e esclarecimento dos recursos assistivos, o aluno carecia, via de regra, de um perfil necessário. Foi neste momento que a proposta cogitou buscar alunos de outros cursos. E, assim, deu-se início ao trabalho com o curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas. Os preceitos que regem esta profissão têm um olhar amplo sobre as pessoas com deficiência e suas potencialidades. Trata-se de formar o profissional com base em uma compreensão que o faz apto a atuar com a pessoa com

⁴ Em dezembro de 2012, o Instituto Politécnico de Leiria, com o qual o Programa “O Museu do Conhecimento para Todos” mantém convênio, sediou uma exposição de fotografias para cegos, promovida pela banda portuguesa “The Gift”. As fotografias foram audiodescritas e as gravações foram acompanhadas de efeitos sonoros e músicas desta banda, recurso que já havia sido realizado pela audiodescritora Josélia Neves, nos recursos de áudio utilizados no Museu da Batalha. Este recurso foi intitulado por ela de “soundpainting” e constitui uma aplicação interpretativa e expressiva da audiodescrição. Outras exposições com recursos diversos ocorreram nos últimos anos, dentre as quais se destacam algumas ocorridas na Fundação Dorina Nowill e na Fototeca de São Paulo. O tema cresceu após a insurgência da audiodescrição em produtos comunicativos.

deficiência, em um campo social mais amplo, habilitando-o a intervir nos espaços como um agente facilitador do convívio e da comunicação com os demais. Este profissional tem em sua base formativa a consciência sobre o impacto da atitude e pensa a comunicação como um resultado pleno da ação inclusiva.

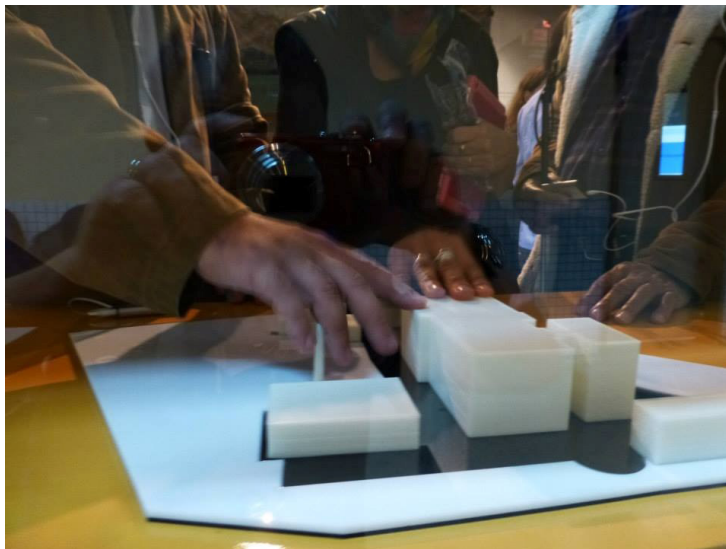
Estas considerações foram norteadoras para que uma aluna do curso de Terapia Ocupacional ingressasse no projeto e desenvolvesse a mediação juntamente com os demais colegas. Esta aluna, co-autora do presente trabalho, durante um ano acompanhou e entrevistou em todas as etapas do trabalho. Especialmente, dedicou-se à audiodescrição (AD) das fotografias, que contou, no ano de 2012, com a assessoria da audiodescritora Josélia Neves, pesquisadora do Laboratório iACT/Leiria/Portugal⁵. No entanto, a mediação tem um caráter mais amplo e busca potencializar todos os recursos empregados no Memorial. Voltada, sobretudo, para conduzir o visitante, opera positivamente tanto com o vidente quanto com o deficiente visual.

O que se apresenta nos resultados deste texto é a avaliação dos parceiros da Escola Louis Braille que visitaram a exposição; no entanto, a mediação é disponibilizada a todas as pessoas que a queiram. Se ela é requerida, faz-se acompanhar da audiodescrição e dos recursos táteis. Não só o conteúdo da exposição é mediado, mas os recursos assistivos são apresentados. Deste modo, o visitante, deficiente visual ou não, tem a chance de compreender alguns níveis de significados que poderiam passar despercebidos sem a mediação.

A mediadora explica, antes do início da entrevista, o que é cada recurso que será encontrado no trajeto. O início do trabalho informa o visitante sobre o local no qual está situado o Memorial, e a descrição do ambiente no seu contexto segue as normas de audiodescrição prescritas no Brasil. Após, ao final da descrição de cada imagem, a mediadora guia as mãos do visitante sobre a foto para que este possa perceber as dimensões. Em seguida, a mão do visitante é conduzida até a legenda em braile, para que a informação seja reafirmada. Neste momento, o visitante poderá explorar o primeiro expositor, que, com os demais, constitui um dos recursos acessíveis do Memorial.

Ainda no primeiro expositor, junto às fotos, encontra-se a maquete do complexo Anglo, que apresenta a estrutura dos seis prédios hoje existentes e da chaminé (Figura 3).

Figura 3 – Fotografia do primeiro expositor durante a visita mediada. Em primeiro plano, a maquete esquema do complexo atual do Campus Porto/Anglo sendo testada pela equipe da Escola Louis Braille de Pelotas. Fonte: Fotografia feita pelas autoras, 2014.



5 Laboratório de pesquisa (inclusão em Action) no qual se desenvolvem trabalhos de investigação sobre acessibilidade. A professora Josélia Neves desenvolveu o programa de acessibilidade do Museu da Comunidade Conselheira da Batalha, considerado o primeiro museu integralmente acessível de Portugal. A especialidade desta professora é a audiodescrição em ambientes e eventos culturais. Esteve fazendo assessoria ao projeto em 2012. Fez acompanhamento em 2013.

O complexo é apresentado prédio por prédio e a mediadora informa o que cada um representa hoje na Universidade Federal de Pelotas. As mãos do visitante percorrem a maquete enquanto o mediador fala, sendo possível que a pessoa se situe no prédio onde se encontra o Memorial sem vê-lo. Pretende-se que este visitante possa ter a mesma informação que um vidente tem ao entrar no atual Campus Porto/Anglo da UFPel.

Após as quatro primeiras fotos, que possuem o recurso de audiodescrição e legendas braile, o visitante entra na primeira sala do Memorial, onde há seu logotipo, sua ficha técnica e história. Estas informações são descritas pelo mediador. A ruína da parede que separa as duas salas da exposição também faz parte do contexto. Ela encontra-se em uma grande vitrine e explicita visualmente o que está descrito em um dos textos da exposição. Se o mediador não estivesse capacitado para tal posto, e não utilizasse a audiodescrição como recurso de mediação, provavelmente esta informação não estaria acessível e não seria percebida pelas pessoas com deficiência visual que visitam o Memorial.

Ao finalizar as fotos, já na segunda sala, há alguns textos e uma linha do tempo que resume a pesquisa feita; estes também são descritos ao vivo, utilizando a audiodescrição para as informações visuais da linha do tempo sejam percebidas também (Figura 4).



Figura 4 – Mediação frente à linha do tempo no Memorial do Anglo. Fonte: Fotografia feita pelas autoras, 2014.

A visitação pode durar uma hora e quinze minutos, mas varia de acordo com a interação do visitante com o mediador, e da disposição do primeiro.

Após o final da exposição, sempre há uma avaliação qualitativa para a verificação da eficácia dos recursos de acessibilidade presentes no Memorial.

3. RESULTADOS

De acordo com Motta e Romeu Filho (2010), a audiodescrição é a transformação de informações-chaves do mundo visual, para que pessoas com deficiência visual possam ter as mesmas informações que os videntes; portanto, a AD é uma forma de tradução intersemiótica. Apesar de ser um recurso de acessibilidade recentemente usado no Brasil, está ganhando espaço e adeptos nos ambientes culturais, aumentando sua presença, sobretudo no audiovisual e no cinema.

No entanto, é um recurso que, como os demais, apresenta limites. Há particularidades nas formas visuais que não encontram suficiência de transcrição na AD. Alguns elementos,

eventualmente muito sutis, perdem sentido ou impacto quando são traduzidos por palavras, ou simplesmente não podem ser traduzidos. Um exemplo disso é a perspectiva. Algumas cenas, nas quais o ponto de fuga cria planos com grande significação visual, perdem o impacto quando descritas. Foi este fato que fez compreender os limites da AD e a opção de fazer acompanhar a fotografia de maquetes e esquemas táteis. Quando o deficiente visual escuta a descrição e após é levado a tocar o esquema e a maquete, e depois experimenta outra descrição em braille, há um somatório convergente de informações que fazem “visível” a fotografia não vista. No entanto, há uma ordem de apresentação destes recursos, uma ênfase e uma condução que levam ao sucesso da informação. E quem faz isto acontecer é o mediador.

Para saber como esta sequência ocorreria, contou-se com o apoio da equipe da Escola Louis Braille. Para a equipe, era necessário um roteiro de localização e recepção que o mediador deveria apresentar a cada visitante. A melhor mediação foi prescrita como sendo a individual, no entanto, a viabilidade do recurso só pode contemplar o mínimo de dois visitantes por mediador. O trajeto também foi definido pela equipe da Escola. No entanto, as soluções de conjunto foram apresentadas aos parceiros na inauguração. Os resultados destas soluções, descritas nos métodos, é que foram avaliados. Os avaliadores foram adultos instrutores da Escola Louis Braille, que aceitaram fazer a visita com vistas à avaliação. A partir desta visita, todos os fatores foram reorganizados. Primeiramente, os visitantes avaliaram os recursos isoladamente. Após consideraram o papel da mediação. Por fim, concluíram sobre a compreensão do exposto e acrescentaram, por sua iniciativa, as considerações sobre a proposta, no seu todo.

4. CONCLUSÕES

As conclusões que ora se apresentam focam dois aspectos evidenciados na avaliação feita pelos visitantes com deficiência visual. Tais aspectos foram relacionados ao resultado da avaliação feita por visitantes videntes. Em ambos os casos, os recursos assistivos foram considerados como os elementos de maior interesse da exposição. No entanto, cada elemento foi considerado de modo diferente por estes públicos.

No que tange à audiodescrição, para o cego é a essência da visita, ainda que não sustente toda a informação necessária. Embora deficientes visuais e videntes tenham compartilhado da mesma avaliação sobre os esquemas e maquetes, a relação destes com o conteúdo das fotografias foi diferente para ambos. Como apenas os cegos usufruíram das legendas em braille, colocou-se na exposição uma informação que se foi construindo sobre diferentes suportes, completando a percepção do geral. Essa experiência de uma construção progressiva não foi tida pelos videntes.

No entanto, para ambos os públicos a mediação foi essencial. Por ser um recurso flexível, pode se adaptar às pessoas com deficiência e aos videntes, equalizando as necessidades ao responder ao limite que o visitante espera dela. A mediação acessível começa no momento em que a pessoa admite que outra a está conduzindo. Segundo Sarraf (2008), que desenvolveu seu trabalho com deficientes visuais, o vínculo estabelecido pela mediação acessível resulta em um equilíbrio dos sentidos na percepção dos conteúdos dispostos nas exposições. Portanto, o limite do mediador deve ser aquele que o visitante solicita. E o visitante pode fazê-lo de muitos modos. O mediador deve estar preparado para entender e acatar o limite solicitado. Entretanto, isto não o exime da responsabilidade de cumprir com o papel de amalgamador das experiências isoladas que cada recurso propõe ao visitante.

Neste sentido, pensando nas potencialidades dos sujeitos, ao mediador cabe entrar em sintonia com a sensibilidade do visitante, o que torna cada mediação a possibilidade de uma experiência enriquecedora para ambos.

De acordo com as avaliações dos parceiros institucionais, o resultado obtido no Memorial do Anglo cumpre a função de informar o que foi aquele lugar, quais as atividades que se desenvolviam na

fábrica e qual a perda que a intervenção de uso impôs à memória desta indústria.

A soma dos recursos assistivos cumpriu a missão de fazer visível as fotografias expostas. No entanto, sem a condução do mediador, a qualidade da informação seria menor. Ao final da visita, a coordenadora do projeto pediu a um dos instrutores cegos que descrevesse uma fotografia. Ele solicitou-lhe que fechasse os olhos e conduziu-a a um dos expositores. Segurando suas mãos, fez com que tocasse nos esquemas, enquanto dizia: “esta é a chaminé da fábrica, veja... e esta é a janela da qual a chaminé foi fotografada. Da janela, de vidros quebrados, de um prédio que não existe mais, a fotógrafa fez a foto. Agora – e levou uma das mãos da coordenadora até o painel onde estava a fotografia – veja a foto, ela é deste tamanho. E esta é a legenda em braile, que conta o que foi este lugar (e conduziu a mão da coordenadora pelas linhas feitas de pontos salientes)”.

Foi importante saber que, com precisão, sem excessos ou interpretações, o visitante informou a fotografia à qual se referiu. Na sua opinião, como cego e como instrutor na Escola Louis Braille, os recursos são importantes, no entanto, o fato é mais importante em si. Ter um espaço aberto à visitação, com resultados processados conjuntamente com o público ao qual se refere é o diferencial da proposta. Um lugar onde ir, esta foi a expressão usada pelos instrutores. Um lugar onde os deficientes visuais serão recebidos e sairão com uma experiência cultural e informacional.

Este é o fato a ser reportado. Neste lugar, o papel do mediador é fundamental, pois amplifica a experiência na medida em que aumenta o entendimento dos recursos de acessibilidade, relacionando-os, ordenando-os, fazendo com que o visitante possa experimentar, em cada um, a informação que o outro não contém.

Por exemplo, o mediador, após a audiodescrição, explica que a chaminé ainda existe, mas que quando o frigorífico funcionava, estava ao lado de um grande prédio, onde servia para os fornos que geravam calor para as caldeiras. E para mostrar como estava em relação ao prédio, explica o esquema tátil das janelas, mostrando-o, um a um. Tal ordenação de recursos é que responde pela qualidade do entendimento do conteúdo.

Desta forma, conclui-se que a mediação pode ser, e neste caso é, um recurso de acessibilidade que potencializa os demais, razão pela qual se decidiu por chamá-la mediação acessível. Conclui-se, igualmente, que o resultado de um lugar inclusivo não se encontra na existência de um ou mais recursos assistivos, mas no seu encadeamento, na qualidade das relações estabelecidas e no preparo das pessoas que atuam no lugar, destacando-se, portanto, do conjunto de recursos, a atitude inclusiva.

Deste modo, considera-se que, se por um lado, o fator humano outorga enorme variabilidade ao resultado, por outro, é uma essência, indispensável quando se deseja que um ambiente seja inclusivo. ■

REFERÊNCIAS

JANKE, Neuza Regina. **Entre os Valores do Patrão e os da Nação, como fica o Operário?** O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970. 1. ed. Pelotas: Cópias Santa Cruz Ltda. 2011. 168p.

MICHELON, F.F. **Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas**: as imagens do passado nas fotografias do presente. Pelotas: EGU UFPel, 2013.

MOTTA, Livia M.V.M.; ROMEU FILHO, P. (Orgs.). **Audiodescrição – Transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos direitos da pessoa com deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

NORA, Pierre (Org.). **Le lieux de mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, 1997, v.7.

ORNSTEIN, S.W. (Org.). **Desenho universal**: caminhos da acessibilidade no Brasil. São Paulo: Annablume, 2010.

SARRAF, V. P. **Reabilitação do Museu**: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TICCIH. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. **Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial**. Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: 08/12/2013.

Artigo recebido em:
1/8/2014

Aceito para publicação em:
2/2/2015